



OS FAROLEIROS

E OUTROS CONTOS DE

MONTEIRO LOBATO

ADAPTAÇÃO EM QUADRINHOS

LAUDO FERREIRA

SUPLEMENTO DO PROFESSOR

ELABORADO POR ESTÚDIO CARAMINHOCA



1. O QUE É A HQ BRASIL?

A **Coleção HQ Brasil** foi criada para aproximar os leitores de dois universos aparentemente distintos: o da literatura clássica e o das histórias em quadrinhos. Não se pretende, no entanto, substituir a leitura da obra clássica original por essa adaptação para a linguagem da narrativa visual. A proposta dessa releitura é despertar nos jovens leitores, ainda assustados talvez com a densidade das obras de grandes nomes da literatura brasileira e mundial, o prazer pelo universo literário e pelas inúmeras leituras a que este pode nos levar. Contagiar o leitor com o conhecimento de grandes autores e aproximá-lo, cada vez mais, da leitura do mundo que nos cerca são aspectos que a **Coleção HQ Brasil** considera importantes em sua função educacional e social. Apresentamos, no item 4, breves sugestões para o trabalho com este livro no processo de formação de leitores.

2. ABORDAGEM DOS CONTOS - SINOPSES

Esse livro apresenta ao leitor um dos maiores escritores da literatura brasileira. Muito reconhecido por suas narrativas para o público infantil, e por isso considerado o criador deste gênero da literatura nacional, Monteiro Lobato também produziu, de forma realista, uma extensa obra – especialmente contos que retratavam e questionavam a sociedade de sua época –, capaz de instigar reflexões sobre os traços da sociedade brasileira do início do século XX.

Nesse livro, destacamos quatro contos do autor,

transpondo-os para a linguagem dos quadrinhos: “Os faroleiros”, “Pedro Pichorra”, “O luzeiro agrícola” e “Era no Paraíso...”. Além deles, há trechos de outras obras de Monteiro Lobato que contribuem para apresentar o legado desse autor e, assim, despertar o desejo nos jovens leitores de conhecer sua obra na totalidade.

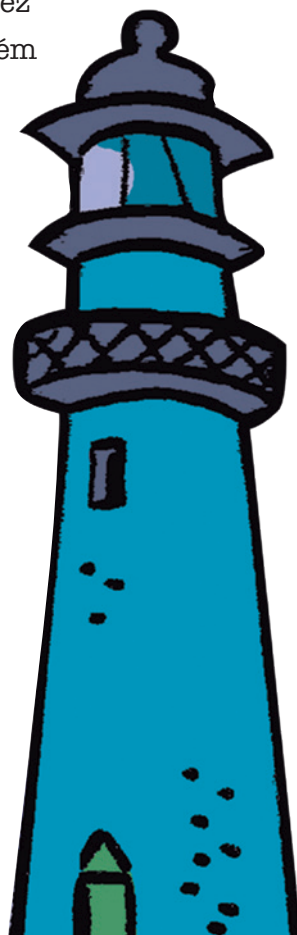
Em “Os faroleiros”, Eduardo nos conta um episódio de seu passado, época em que viveu em um farol – sonho de juventude cujo desfecho não fora o esperado. Quando teve a



chance de viver no Farol dos Albatrozes e conhecer Gerebita, o faroleiro que ali trabalhava havia anos, Eduardo não imaginava estar prestes a viver aquilo que chamaria adiante de “tragédia noturna”. Além de Gerebita, no farol vivia Cabrea, um ajudante então recém-chegado. O faroleiro de pronto alertou Eduardo sobre a insanidade de Cabrea, insinuando que este poderia, subitamente, assassinar alguém por ser inconstante e louco – e, portanto, perigoso. Certa noite, Eduardo foi acordado pelo barulho de uma briga no interior do farol. Quando chega à cena, percebe que Gerebita e Cabrea lutam intensamente... até que o faroleiro põe fim à vida de seu ajudante. Alegando que havia matado para se defender, Gerebita pede a Eduardo que guarde em segredo o ocorrido. O jovem, perturbado por toda a situação, resolve deixar o farol e, na viagem de volta, conta ao barqueiro que Cabrea, tomado por loucura, “havia despencado torre abaixo e sumido no mar”. É nessa conversa que ele descobre que, no passado, Cabrea havia seduzido a esposa de Gerebita, que então o abandonou, e isso o fez recluso no farol. Ela, por sua vez, abandonaria também a Cabrea, e o destino colocaria ambos no mesmo lugar... Eduardo percebe ali que a loucura do ajudante nada mais era do que um álibi inventado pelo faroleiro.

Nessa narrativa, Lobato instiga o leitor a se confundir com a história daqueles que estão isolados num farol. O suspense ampara a trama que, ao primeiro momento, sugere uma aventura e mais adiante toma ares de tragédia.

Em “Pedro Pichorra” conhecemos a história de um garoto que vive num pequeno sítio com sua família e deseja tornar-se adulto. Pedrinho, com 11 anos, ganha de seu pai uma faca e se imagina um “homem formado”, adulto e dono do próprio nariz. Recebe, então, a incumbência de levar um recado do pai ao fazendeiro vizinho. Para isso, segue estrada afora, apenas acompanhado de sua coragem de “não mais menino”. Mas, no caminho, tem de passar pela temida figueira, ponto onde à



noite os mais diversos seres e assombrações se reúnem... Por isso, ele acelera sua égua para conseguir voltar antes de anoitecer. Já na penumbra, que naquele dia parece chegar mais cedo, Pedrinho cruza a figueira quando vê um saci - barrigudinho e com olho de fogo passeando pelo



corpo! Corre e num instante está em casa, esbaforido e assustado, a contar o acontecido ao pai. Investigando o que o garoto conta, o pai logo percebe o engano: tomado pelo medo, Pedrinho confundiu o pouso de um vagalume numa pichorra (moringa) de água com um saci legítimo! Assim, a família ganha um apelido e, dali em diante, ficam conhecidos como “Os Pichorras”. Nesse conto, Lobato apresenta aspectos da cultura rural e, ao mesmo tempo, trabalha a linguagem e o vocabulário caipiras. Também revela como o folclore é fundamental na formação das crianças e jovens, fase em que se atribuem valores de identificação com o lugar e o meio em que vivem.

A trajetória de Sizenando Capistrano, um poeta que se torna funcionário público para prover o próprio sustento, é o enredo de “O luzeiro agrícola”. Cansado de buscar reconhecimento por sua arte e por não conseguir fazer disso seu trabalho, Sizenando vira funcionário público do Ministério da Agricultura, no cargo de inspetor agrícola. A primeira de suas tarefas é escrever um relatório e, depois de meses estudando a beldroega, submete-o ao ministro, que o manda queimar – afinal, há um forno no Estado para esse fim. Com a troca de ministro, muda-se o programa político para a agricultura e Sizenando passa a trabalhar mais próximo às pessoas e às práticas do campo. Não mais escrito para ser queimado, seu discurso é técnico e promete modernizar os processos da agricultura nacional. Os agricultores logo se empolgam com a novidade e aderem ao programa do Ministério. Na prática, no entanto, a colheita é um desastre... Mas isso não impede que Sizenando conte no relatório o “sucesso do método demonstrativo acolhido pelos lavradores”. Nesse conto, Lobato apresenta de forma clara sua crítica às políticas para a agricultura à época, que refletiam a conjuntura para além da realidade do campo por todo o país.

Por fim, em “Era no paraíso...”, conhecemos a história da origem da humanidade sob o ponto de vista irônico e irreverente de Monteiro Lobato. Assim, depois de Deus ter criado o mundo e tudo que nele habita, um macaco cai da árvore batendo com a cabeça numa pedra e passa a ter pensamentos próprios. Deus, curioso para ver o resultado do ocorrido, permite que ele continue a viver, ainda que isso modifique sua criação. Desse acaso, surge então o ser humano e, dele, a humanidade e todas as suas mazelas. Nesse conto, Lobato abusa da ironia para contar sua versão da criação do homem e apontar as grandes consequências, destrutivas e contraditórias, do comportamento humano.

3. OS CONTOS E A OBRA DE MONTEIRO LOBATO

Antes de criar as histórias do Sítio do Picapau Amarelo, que o consagrariam como escritor, Monteiro Lobato escrevia contos e artigos. Tornou-se conhecido do público e da crítica especialmente por dois de seus artigos publicados em jornal: “Velha praga” e “Urupês”. O primeiro, originalmente escrito como uma carta de leitor e enviado ao jornal – que optou por publicá-lo como artigo em 12 de novembro de 1914 –, trata da prática, justificada pela ignorância, de queimadas realizadas pelos caboclos, a quem Lobato chamaria de “parasitas da terra”. No segundo, publicado em 23 de dezembro de 1914, surge a figura do Jeca Tatu, então tratado como o grande culpado pelos problemas econômicos

brasileiros e com o estereótipo de “atraso”, buscando alertar o abandono das pessoas do campo à ignorância. A crítica nesses artigos não era ao caboclo, e sim ao modo pelo qual a sociedade e o país tratavam a si mesmos.

Com base nesses artigos, Lobato escreveria mais adiante *Urupês*, uma série de contos sobre o universo rural brasileiro publicada em formato de livro, dando início a sua produção literária.

Visando ao público adulto, Monteiro Lobato publicou quatro coletâneas de contos: *Urupês*, *Cidades mortas*, *Negrinha* e *O macaco que se fez homem*.

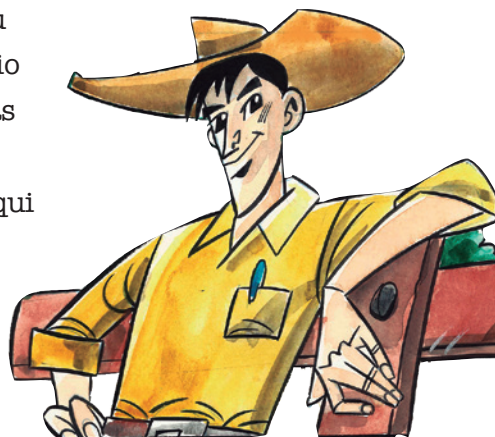


Cabe ao educador, levando em conta as experiências de leitura de seus alunos, decidir como introduzi-los no universo lobatiano. O conto pode ser uma excelente porta de entrada para esse universo, por suas características de brevidade e poder de síntese. Quando aliado ao poder de sedução e de fascínio que as histórias em quadrinhos exercem sobre os leitores, especialmente nos jovens, torna-se uma ferramenta prazerosa nesse processo que mescla aprendizado com o despertar de um olhar crítico à sociedade.

4. SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Embora a obra de Monteiro Lobato não retrate o ambiente dos nossos dias, podemos nos basear nela para trabalharmos aspectos diversos tratados pelo autor que ainda estão muito presentes atualmente. Por isso, apresente aos alunos elementos representativos da época, início do século XX, sobretudo para contextualização histórica da sociedade em que o autor vivia enquanto produzia sua obra. Se possível, monte um painel no espaço de leitura dedicado aos temas e à ambientação da obra de Monteiro Lobato, cujo conteúdo pode ser pesquisado pelos próprios alunos, de maneira acumulativa, podendo contribuir para o desenvolvimento de atividades como as que propomos a seguir.

- Encaminhe a leitura dramatizada das HQs, na qual um aluno é o narrador e outros fazem os diálogos; com base nessa leitura peça a eles que reescrevam um dos contos do livro com o foco narrativo em outra personagem e, depois, façam a leitura dramática dessa versão para a turma.
- Selecione com os alunos trechos dos livros que integram a coleção do Sítio do Picapau Amarelo para que organizem um seminário em que busquem identificar características dessa obra destinada ao público infantil que também estão presentes nos contos aqui adaptados para histórias em quadrinhos. Destaque o tom provocador e crítico que o autor propõe nos textos que compõem para as crianças, especialmente nas falas da personagem Emília.



- O conto “Pedro Pichorra” apresenta características do folclore ligadas ao personagem principal da narrativa. Partindo disso, peça aos alunos que escrevam um artigo sobre a importância do folclore na cultura regional, apresentando aspectos da cultura presentes no local em que vivem.
- Peça aos alunos que façam uma análise interpretativa da história contada em “Era no Paraíso...”. Instigue-os para que cada um busque seu ponto de vista a respeito do conteúdo que o autor propôs para reflexão: Vocês conseguem imaginar o que ele quis dizer ou despertar no leitor quando criou a história? Se possível, organize uma roda de conversa sobre essas impressões, a fim de enaltecer a pluralidade de interpretações e leituras, característica essencial na obra literária.
- Solicite aos alunos que escolham uma fábula conhecida e a reescrevam buscando aproximá-la da realidade cotidiana deles, com adaptações naquilo que acharem necessário. Eles podem reler “A cigarra e as formigas”, presente nesse livro, para perceber esse tipo de composição. Na mesma linha de atividade, peça que escrevam cartas, ainda que fictícias, uns para os outros, tomando como exemplo “Carta a Lima Barreto”.
- Proponha aos alunos que, em grupos, desenvolvam – com base em um conto de escolha coletiva – um roteiro de quadrinhos a ser escrito por eles. Não é necessário que desenhem os quadrinhos, a não ser que haja na turma alguém com essa habilidade ou que enfrente esse desafio. Quanto à roteirização, deixe que reflitam sobre o que poderia ser representado por imagens e o que teria de ser colocado em texto, em balões ou explicações.
- Escolha com os alunos um conto de Monteiro Lobato que não integra essa edição para ser transformado em peça de teatro e encenado. O registro dessa encenação – por fotos ou desenhos – pode ser a base para a elaboração de uma HQ criada pela turma.

Essas atividades contemplam as seguintes habilidades descritas na BNCC para o componente curricular Língua Portuguesa: EF08LP03, EF08LP35, EF69LP44, EF69LP47, EF69LP52, EF89LP27 e EF89LP35.



5. SUGESTÕES PARA O PROFESSOR

Por meio das atividades sugeridas neste suplemento, pretendemos auxiliá-lo a abordar o livro e seu tema em sala de aula. Contudo, esse trabalho não deve se limitar somente a isso. Veja, a seguir, algumas indicações de conteúdo que podem ajudá-lo a expandir a discussão.

MARISA Lajolo fala sobre a obra de Monteiro Lobato. Vídeo produzido pelo canal Nova Escola (7min41s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aKAUuOTQ3Vs>. Acesso em: 28 jan. 2020.

MEMÓRIAS da Literatura Infantil e Juvenil. Vídeo produzido pelo Museu da Pessoa (4min32s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=irnAK-cXev8>. Acesso em: 28 jan. 2020.

MONTEIRO LOBATO. Site sobre o autor. Disponível em: <http://www.monteirolobato.com/>. Acesso em: 28 jan. 2020.

UNICAMP. *Temático Monteiro Lobato (1882-1948) e outros modernismos brasileiros*. Documentos, informações, ensaios e estudos sobre Monteiro Lobato. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/home.htm>. Acesso em: 28 jan. 2020.

